



MARCELO PEREIRA DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

# COMUNICAÇÃO, REDES SOCIAIS E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA



**MARCELO PEREIRA DA SILVA  
(ORGANIZADOR)**

# **COMUNICAÇÃO, REDES SOCIAIS E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C741	<p>Comunicação, redes sociais e a produção jornalística [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-793-2 DOI 10.22533/at.ed.932191905</p> <p>1. Comunicação social. 2. Jornalismo. 3. Redes sociais. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O jornalismo e a comunicação são instituições fundamentais para a solidificação da democracia, da participação e do estado democrático de direito. Como atividades profissionais, não podem se posicionar como 4º poder, mas devem assumir seu lugar de contrapoder, defendendo a verdade, os interesses da coletividade, a organização social, a paz, etc.

Nesta obra, as imbricações, diálogos e duelos entre diferentes teorias, proposições, análises, perspectivas e autores, contribuem com a investigação científica com base nos termos que a intitulam: Comunicação, Redes Sociais e a Produção Jornalística. Por meio de olhares transversos sobre objetos que constituem a realidade social contemporânea da comunicação e do jornalismo, os autores lançam luz sobre a necessidade de reformulações, ressignificações, aprofundamento e críticas ao fazer comunicativo no contexto midiático que faz emergirem formas de relacionamento, interatividade, pertença e reconhecimento.

Nesse sentido, algumas interrogações são necessárias para que entendamos o papel social, cultural, ideológico, político e econômico do jornalismo e da comunicação, hajam vista os discursos que figuram nas produções jornalísticas e o(s) sentido(s) de verdade e realidade que neles materializam-se e circulam “livremente” pelas redes sociais digitais.

Torna-se fulcral discutirmos o papel dos sujeitos jornalistas e das organizações na produção de notícias assim como as posições que assumem no processo de produção, colocando em foco o campo do jornalismo e da comunicação: são campos abertos em que todos os agentes sociais podem articular estratégias comunicacionais próprias ou um campo totalmente fechado a serviço da legitimação do *status quo*? Como entender a força e o poder das distintas formas de discurso que circulam nos meios de comunicação tradicionais e nas redes sociais da Internet? Que perspectivas teóricas são fecundas para verificarmos as estratégias por trás das retóricas informativas midiáticas?

Evocamos, neste livro, que o jornalismo, tal como o vemos hoje, desenvolveu-se como atividade remunerada durante o século XIX em decorrência de um complexo processo de urbanização, escolarização, industrialização, avanços tecnológicos e o erigir de regimes políticos nos quais o princípio de liberdade de imprensa converteram-se em algo sagrado.

O aparecimento da Cibermídia não acarreta o fim das atividades do jornalismo, pois este, independente do suporte, faz-se na notícia, na reportagem, se “vestindo” em diversos gêneros, formatos e linguagens; é conhecimento e não apenas técnica. As mídias e redes sociais on-line, na verdade, podem reforçar o papel do jornalismo, dos jornalistas e da comunicação na sociedade contemporânea.

O propósito de fornecer relatos de acontecimentos interessantes pode parecer claro, mas esse objetivo é, como outros fenômenos, simples, inextricavelmente

complexo, evidenciando o desafio da tarefa de compreender tais questionamentos na relação entre a práxis jornalística, a natureza ontológica da comunicação e a confusa ambiência gerada pelo ecossistema virtual.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DIREITOS HUMANOS NO CENÁRIO DIGITAL: IMPACTOS CAUSADOS PELAS FAKE NEWS	
Juliete Maganha Silva	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9321919051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
O DIREITO AO ESQUECIMENTO E OS PROVEDORES DE BUSCA NA INTERNET	
Marianne Ramalho dos Santos Leite	
Francisca da Glória Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9321919052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
CRIMES AMBIENTAIS, ASSASSINATOS E GRILAGEM: ANÁLISE SOBRE JORNALISMO DE DADOS EM A PÚBLICA	
Francisco Aquinei Timóteo Queirós	
Francielle Maria Modesto Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9321919053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
COMUNICAÇÃO SOCIAL: UM OLHAR SOBRE O EXÉRCITO BRASILEIRO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9321919054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
O CASO ESCOLA BASE, A ÉTICA E O JORNALISMO MERCADORIA	
Jaine Araújo da Silva	
Francielle Maria Modesto Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9321919055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
A COMUNICAÇÃO DO MINISTÉRIO DA FELICIDADE DO DUBAI E DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS NO ANO 2016	
Diamantino Ribeiro	
António Pedro Costa	
Jorge Remondes	
DOI 10.22533/at.ed.9321919056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE E CRIMINALIDADE: PARA ALÉM DAS NOTÍCIAS VEICULADAS EM JORNAIS ELETRÔNICOS DE MATO GROSSO-MT	
Everton Rossi	
Reni Aparecida Barsaglini	
DOI 10.22533/at.ed.9321919057	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
REDES SOCIAIS: É POSSÍVEL SUA INSERÇÃO NO FORMATO EAD? REFLEXÕES SOBRE A GESTÃO A PARTIR DO USO DA FERRAMENTA LIVE DO FACEBOOK EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO	
Fabiana Crispino Santos	

Mirian Martins da Motta Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.9321919058

**CAPÍTULO 9 ..... 99**

MUITO ALÉM DA CAMISETA DE ROCK: NOVOS OLHARES SOBRE OS APRESENTADORES DE TELEJORNAL

Daniel Alves Scarcello

Wagner da Costa Silva

DOI 10.22533/at.ed.9321919059

**CAPÍTULO 10 ..... 111**

JORNALISMO DE DADOS E PARECER COMUM: MODOS DE CONSTRUÇÃO E EFEITOS DA NARRATIVA

Kelly De Conti Rodrigues

Carlos Alberto Garcia Biernath

Marcelo Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.93219190510

**CAPÍTULO 11 ..... 124**

MARKETING E POLÍTICA: O USO DO MARKETING NA ORGANIZAÇÃO DE UMA CAMPANHA ELEITORAL

Israel Aparecido Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.93219190511

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 139**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 140**

## CRIMES AMBIENTAIS, ASSASSINATOS E GRILAGEM: ANÁLISE SOBRE JORNALISMO DE DADOS EM A PÚBLICA

### Francisco Aquinei Timóteo Queirós

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Jornalísticas, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Professor efetivo do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: aquinei@gmail.com.

### Francielle Maria Modesto Mendes

Professora Doutora do Programa de Mestrado em Letras e do curso de Graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo e Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestre em Letras (UFAC). E-mail: franciellemodesto@gmail.com.

**RESUMO:** Este artigo analisa a reportagem “Em terra de índio, a mineração bate à porta” presente no conjunto de 21 matérias divulgadas pela *Pública* – Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo, no período de 3 de maio a 19 de outubro de 2016. A reportagem em estudo compõe o especial “Amazônia em disputa” – que conta com matérias sobre pistolagem e luta pela terra no sudeste do Pará, crimes ambientais em terras da União, assassinatos e grilagem. O objetivo é discutir como a *Pública* utiliza o jornalismo de dados para a configuração de suas reportagens e narrativas jornalísticas. Leonardo Mancini e

Fabio Vasconcellos (2016); Chris Anderson, Emil Bell e Clay Shirky (2013); Daniela Bertocchi (2014); Suzana Oliveira Barbosa e Vitor Torres (2013) serão utilizados como embasamento bibliográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo de dados; Pública; Amazônia em disputa.

**ABSTRACT:** This article analyzes the report “Em terra de índio, a mineração bate à porta” present in the set of 21 articles published by *Pública* – Investigative Reporting and Investigative Journalism Agency, from May 3 to October 19, 2016. The report in study compiles the special “Amazônia em disputa” – that counts on subjects about pistolage and fight for the land in the southeast of Pará, environmental crimes in lands of the Union, murders and grilagem (Portuguese term meaning take possession of land with false title of ownership). The objective is to discuss how *Pública* uses data journalism for the configuration of its reports and journalistic narratives. Leonardo Mancini and Fabio Vasconcellos (2016); Chris Anderson, Emil Bell and Clay Shirky (2013); Daniela Bertocchi (2014); Suzana Oliveira Barbosa and Vitor Torres (2013) will be used as a bibliographic basis.

**KEYWORDS:** Data Journalism, Pública, Amazônia em disputa.

## 1 | INTRODUÇÃO

O corrente estudo investiga a reportagem “Em terra de índio, a mineração bate à porta” contido no especial “Amazônia em disputa”, organizado pela *Pública* – Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo. Esse especial conta com 21 reportagens, elaboradas no período de 3 de maio a 19 de outubro de 2016. As informações foram organizadas com vídeos, gráficos, mapas e bases de dados abertos.

O objetivo do trabalho é identificar como os dados são utilizados para a tessitura da narrativa jornalística. Nesse sentido, o artigo leva em consideração as competências investigativa, interpretativa e comunicativa para pensar como as reportagens de dados podem auxiliar na prática do jornalismo pós-industrial.

A *Agência Pública*<sup>1</sup> foi fundada em 2011 e segue o modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência. A missão é produzir reportagens pautadas pelo interesse público, sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população – “visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos”. Funciona como uma agência: todas as reportagens são livremente reproduzidas por uma rede de mais de 60 veículos, sob a licença *creative commons*<sup>2</sup>.

A escolha da matéria de *A Pública* também se dá pela possibilidade de se vislumbrar novos modelos de negócios no âmbito do jornalismo. As reportagens veiculadas pela *Agência* seguem o modelo do jornalismo investigativo, focando na apuração em profundidade, problematizando os contextos e as consequências. As reportagens veiculadas pela *A Pública* se diferenciam do caráter do jornalismo web visto comumente – que é limitado pelo tempo e pela interferência de interesses comerciais. Em contraposição, a *Agência* aproveita as potencialidades da internet para apresentar as informações com mais complexidade, fazendo uso de recursos como galeria de fotos, imagens, áudio, vídeos, infográficos e base de dados, por exemplo.

## 2 | JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL

A discussão sobre base de dados e o uso que se faz dessas técnicas para a

---

1. A PÚBLICA. **Quem somos**. Disponível em: <<http://apublica.org/quem-somos/#sobre>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

2. Segundo Fláscleandro Vieira de Oliveira (2011), a licença Creative Commons (CC) se caracteriza como uma organização não-governamental sem fins lucrativos, criada oficialmente em 2001 e estabelecida em Massachusetts, com sede na Stanford University. O CC tem origem na Licença Pública Geral do sistema GNU da Free Software Foundation (FSF), concebido por Richard Stallman. O CC foi criado e idealizado pelo professor Lawrence Lessig – que leciona na Escola de Direito da Stanford University e é um dos maiores defensores do movimento denominado Cultura Livre (O movimento denominado Cultura Livre visa a permitir que os elementos culturais produzidos por uma dada sociedade estejam disponíveis para outrem). Conforme o próprio Lessig, a expressão Cultura Livre se refere a culturas que deixam uma grande parcela de seus elementos culturais aberta para que outros possam ter acesso e fazer uso, sem haver a necessidade de pedir permissão. Para o professor da Stanford University, o conteúdo controlado, ou que exige permissão, diminui consideravelmente o potencial de circulação dos elementos culturais de uma dada sociedade. Nesta perspectiva, o CC se constitui num instrumento que viabiliza a abertura dos bens culturais de uma determinada sociedade para que outros tenham acesso.

estruturação da narrativa jornalística é sintomático de um novo momento por que passa a indústria dos media, principalmente, dos jornais. O jornalismo é atravessado por marcas do pós-industrial, isto é, suas práticas não são mais organizadas segundo as lógicas do industrial (numa série produtiva), mas envolve uma dinâmica de complexidade que subsume diferentes atores sociais, distintas maneiras de circulação de informações, grande volume de dados, computação, inteligência artificial e algoritmos.

Daniela Bertocchi (2014) explica que o atual cenário apresenta um panorama mediático no qual mais técnicas serão utilizadas na confecção de notícias e reportagens. Emergem, nesse sentido, “análises algorítmicas de base de dados, visualização de dados, solicitações de conteúdos por parte de amadores, produção automatizada de narrativas, criação de narrativas baseadas em dados entre outros” (BERTOCCHI, 2014, p. 2).

O estudo desenvolvido por Anderson, Bell e Shirky (2013) aponta que a era industrial do jornalismo era marcada pela semelhança de métodos entre um grupo relativamente pequeno e uniforme de empresas e a incapacidade de alguém de fora desse grupo de criar um produto competitivo. Essas premissas já não se cumprem atualmente.

Se quisesse resumir em uma sentença a última década no ecossistema jornalístico, a frase poderia ser a seguinte: de uma hora para outra, todo mundo passou a ter muito mais liberdade. Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para se comunicar, de forma restrita ou ampla, sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa escrita. Nos últimos 15 anos houve uma explosão de técnicas e ferramentas. E, mais ainda, de premissas e expectativas. Tudo isso lançou por terra a velha ordem. (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 32)

Já o jornalismo pós-industrial explora novos métodos de trabalho e guia suas atividades pelo aparato das mídias digitais. Nessa reestruturação, as instituições jornalísticas voltam-se para novas parcerias, com aproveitamento de dados de caráter público, com uma maior participação de indivíduos e máquinas na produção de informações em estado bruto.

Dessa forma, o papel social desempenhado pelo jornalista também se complexifica. O jornalista pós-industrial não deve se limitar a disponibilizar um conjunto de informações, porém deve contextualizar as informações de modo que chegue ao público e gere repercussão.

### 3 | JORNALISMO DE DADOS

Mar de Fontcuberta (2006) destaca que o jornal vive no momento atual sob o império dos princípios da disjunção, redução e abstração – que em conjunto constituem o que se denomina como “paradigma da simplificação”. A autora explica que a forma “atomizada” de reportar aos contextos sociais implica em uma barreira

para se compreender a realidade:

La disyunción y la reducción están presentes en la mayoría de las pautas periodísticas, configurando lo que Abraham Moles denomina “la cultura mosaico” para referirse a los contenidos ofrecidos por los medios de comunicación que define como fragmentarios, atomizados, y expuestos sin ninguna jerarquización. Moles denomina a esos contenidos «átomos de cultura», y considera que son un obstáculo para comprender la realidad. Precisa que el papel de la cultura consiste en proporcionar al individuo una pantalla de conceptos, sobre la cual éste proyecta y ordena sus percepciones del mundo exterior. (FONTCUBERTA, 2006, p. 11)

Para Fontcuberta (2006), a informação deve ser o mais confiável possível e suficientemente completa para permitir a compreensão da atualidade. Deve-se levar em consideração que a compreensão das notícias exige a inserção de um contexto, a explicação de suas causas e uma pergunta que explicita as suas consequências. A autora aponta para a passagem de um pensamento simplificador para uma perspectiva complexa de desvelamento da realidade social.

Anderson, Bell e Shirky (2013) se aproximam do pensamento de Fontcuberta quando destacam que o papel social do jornalista não pode ser resumido a mero narrador de fatos. Os autores destacam que a nova ambiência pressupõe um jornalista que não se restrinja unicamente à rotina de contar histórias, “mas que contextualize a informação de modo que chegue ao público e nele repercuta” (2013, p. 33).

Ao discutir os conceitos de sociedade complexa, Fontcuberta recorre a Edgar Morin (1997). O sociólogo francês explica que a complexidade é uma palavra problema e não uma palavra solução. Para Morin, a separação do conhecimento se viu agravada pela redução do complexo ao simples e por uma hiperespecialização que fragmenta o tecido social. Fontcuberta acrescenta que o pensamento simplificador não é capaz de conceber o singular e a realidade múltipla. Chega-se, nesse sentido ao que se denomina de inteligência cega, “que destruye los conjuntos y las totalidades, y aísla a todos sus objetos de sus ambientes. Morin considera que ello produce una patología contemporánea de pensamiento” (FONTCUBERTA, 2006, p. 10).

Para combater a “patologia contemporânea do pensamento” é preciso entender que o jornalismo passa por profundas transformações e que essas mudanças implicam em novas maneiras de entender as dinâmicas sociais e as práticas jornalísticas. Sob essa perspectiva, Leonardo Mancini e Fabio Vasconcellos (2016) explicam o crescente interesse pelo jornalismo de dados (JD) – que baseado no modelo pós-industrial – ancora-se em “organizações com estruturas menores, mais dinâmicas e com a internet como aliada, e não inimiga, de suas práticas” (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 70).

Mancini e Vasconcellos (2016) ressaltam que os pesquisadores e jornalistas brasileiros utilizam o termo JD numa acepção investigativa aliada às possibilidades das novas tecnologias. Nesse sentido, como corrobora Träsel (2013), as técnicas

consistem na produção, tratamento e cruzamento de uma grande quantidade de dados. O JD permite uma maior eficiência na recuperação de informações, na apuração de reportagens a partir do conjunto de dados, na circulação em diferentes plataformas e na geração de visualizações e infografias.

Dito isso, o que precisa ser problematizado na definição do JD, para nós, em especial na maneira como existe no Brasil, é como a incorporação ou o aprofundamento de algumas dessas competências, até então pouco ou quase nunca utilizadas pelo jornalismo, altera o modo de fazer notícia ou, se preferirem, possibilita o manejo das novas técnicas na construção de conteúdos. Em síntese, não adianta a posse de software de análise estatística se não houver um profissional que conheça essa ferramenta, saiba como ela funciona e como ela pode atender ao propósito do jornalismo de produzir informação e conhecimento relevantes. (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 72)

O documento produzido por Anderson, Bell e Shirky (2013) mostra que a prática jornalística sedimentada sob as tradicionais formas de organização e hierarquização passa por uma profunda mudança. Isso implica em novas maneiras de se organizar, de pensar as práticas e as narrativas jornalísticas e, também, de refletir sobre novos modelos de negócios que englobem a internet, um volume maior de dados e a arquitetura de conteúdos. Dessa forma, pensar o JD não se resume a dispor em tabelas um conjunto multifacetado de números, mas abrange alguns procedimentos como a coleta, organização e exploração de dados para se obter relações que podem ser significativas (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 74).

Os dados, conforme explica Bradshaw (2014), citado por Mancini e Vasconcellos, agora também podem ser lidos e descritos como números, de forma binária 0 e 1 e assumir o formato de documentos confidenciais, fotos, vídeos e áudios. O autor destaca que o trabalho jornalístico sempre esteve envolto por dados. Contudo, o que se apresenta agora é um conjunto de possibilidades que emergem quando se combina o tradicional faro jornalístico “e a habilidade de contar uma história envolvente com a escala e o alcance absolutos da informação digital agora disponível” (BRADSHAW, 2014 *apud* MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 70).

O JD impõe novas práticas ao trabalho jornalístico. Coddington (2014) apresenta um conjunto de categorias que definem como a figura do jornalista se insere nesse novo cenário. O autor aponta quatro tipologias. A primeira delas diz respeito ao caráter profissional, dispendo em campos opostos as figuras dos jornalistas experientes e os que buscam uma formação em rede. Enquanto os jornalistas experientes estão mais propensos às rotinas e às normas, os profissionais em rede são mais abertos a intercambiar conhecimentos, até mesmo com os não jornalistas. Uma outra categoria diz respeito à transparência das técnicas, isto é, como os jornalistas tornam inteligível a gama de métodos utilizados. A terceira tipologia considera as amostras quantitativas utilizadas, entre elas o Big Data e as bases de dados, por exemplo. A quarta dimensão pressupõe a compreensão do papel do público leitor. Toma-se aqui a noção de público aliada à ideia de partícipe do processo de produção

e apreensão da notícia.

Nesse sentido, percebe-se que o JD modifica a forma de apurar, de verificar as informações e, principalmente, de compreender como os dados podem conduzir a reportagem. Sob esse prisma, pode ser afirmado que o dado se configura como uma matriz da pauta e como o catalisador da narrativa jornalística.

#### 4 | A REPORTAGEM “EM TERRA DE ÍNDIO, A MINERAÇÃO BATE À PORTA”

Para o estudo da reportagem “Em terra de índio, a mineração bate à porta” serão utilizadas três categorias de análise, que são: a investigativa, a interpretativa e a comunicativa. A partir dessas competências, busca-se apreender como se dá o tratamento dos dados, como são narradas as histórias e, por fim, como a reportagem converte o apanhado de dados em uma narrativa visualmente inteligível, em uma história.

O especial “Amazônia em disputa” apresenta ao todo 21 reportagens. As bases de dados<sup>3</sup> utilizadas para a tessitura das matérias foram divididas nas categorias de Cadastro Ambiental Rural, Comunidades Rurais, Meio Ambiente e Terras. *A Pública* também fez quatro vídeos<sup>4</sup> de 11 minutos que explicam a questão indígena, a grilagem de terras, a pistolagem e o conflito agrário na Amazônia Legal. Para corroborar com a visualização dos dados levantados, a reportagem produziu três mapas<sup>5</sup> mostrando as regiões percorridas. Por fim, foram feitos três infográficos<sup>6</sup> sobre os impactos da mineração em terras indígenas.

Na reportagem “Em terra de índio, a mineração bate à porta”, publicada em 20 de junho de 2016, os jornalistas Caco Bressane, Ciro Barros e Iuri Barcelos utilizam dados do Instituto Socioambiental (ISA); do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM); do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para compor os infográficos e a narrativa da reportagem.

A matéria ancora-se em dados para mostrar que apesar da proibição constitucional, os órgãos federais têm se colocado em campo oposto sobre a validade de registrar processos minerários em território indígena. Segundo a reportagem, um terço das áreas na Amazônia Legal é cobiçado:

Levantamento da Pública com base em dados do Instituto Socioambiental (ISA) e do DNPM mostra que a mineração, uma atividade que sobrevive do proveito da terra, sobretudo a inexplorada, está cada vez mais atraída pelos territórios indígenas do Brasil. Na Amazônia Legal, por exemplo, região que engloba nove estados, um terço das áreas indígenas tem processos desse tipo, que vão do desejo de explorar ouro, diamante e chumbo a minérios como cassiterita,

3. A PÚBLICA. **Base de dados**. Disponível em: <<http://amazoniaemdisputa.apublica.org/base-de-dados>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

4. A PÚBLICA. **Vídeos**. Disponível em: <<http://amazoniaemdisputa.apublica.org/videos>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

5. A PÚBLICA. **Mapas**. Disponível em: <<http://amazoniaemdisputa.apublica.org/mapas>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

6. A PÚBLICA. **Infográficos**. Disponível em: <<http://amazoniaemdisputa.apublica.org/infograficos>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

cobre e estanho. Nessa região, a proporção é de uma terra indígena para cada dez processos minerários. Campeão nacional, o Pará concentra 50% desses processos em TIs já identificadas oficialmente pela Funai. Em algumas situações, áreas indígenas paraenses estão completamente cobertas pela cobiça da mineração, que, a despeito da recente queda dos preços das *commodities*, teve uma produção que praticamente dobrou na última década e fora fomentada, principalmente, por empresas como a Vale S.A., uma das maiores do mundo no setor e segunda colocada no ranking das empresas com mais processos minerários em TIs. (BRESSANE; BARROS; BARCELOS, 2016, online)

Para compreender como o JD pode embasar e complexificar o processo de investigação, apuração e de escrita da reportagem, tomamos como base o trabalho de Stray (2014). O autor aponta três etapas que diferenciam esse tipo de jornalismo do tradicional.

As categorias apontadas pelo autor ficam patentes na reportagem aqui estudada. Stray (2014) destaca que os procedimentos de apuração do JD seguem as etapas da quantificação, da análise e, por fim, do processo de comunicação. A etapa de quantificação transforma o mundo em dados e o processo seguinte – que é de análise – transforma os dados em conhecimento. A partir do momento em que o dado é transformado em conhecimento, o jornalista pode fazer comparações, cruzar informações e levantar hipóteses. A derradeira etapa é transformar a quantificação dos dados e as análises em comunicação. Na etapa final, todos os suportes necessários são reunidos para tornar os dados inteligíveis para o leitor. Na reportagem em estudo, constata-se que os jornalistas utilizam além dos mapas e dos vídeos, um conjunto de três infográficos.

Dos dados a reportagem, a narrativa jornalística segue uma matriz disposta sob a dimensão investigativa, interpretativa e comunicativa. A dimensão investigativa busca identificar se a reportagem apresenta dados coletados pela equipe de jornalistas (responsável por extrair e estruturar o material bruto de alguma base) ou se os profissionais apenas organizaram e produziram os próprios dados.

Reportagens desse tipo tendem a trazer no seu enunciado indicações sobre o esforço da própria equipe ou mesmo indicações sobre o ineditismo do dado apresentado após a busca e/ ou estruturação feita pela equipe. (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 76)

Percebe-se na matéria que além do viés apontado pela dimensão investigativa, a reportagem também exhibe marcas da matriz interpretativa. O texto apresenta uma gama profusa de dados – abarcando as causas e as consequências da mineração em terra indígenas. Alia-se, portanto, o conteúdo da reportagem ao seu contexto. O jornalista oscila entre uma análise direta dos dados e das falas dos entrevistados. Tal aspecto pode ser percebido no excerto que segue:

Lideranças indígenas falaram sobre a questão durante o último Acampamento Terra Livre, mobilização indígena realizada em Brasília no mês passado. Os depoimentos evidenciam não só a preocupação com a mineração, mas com a invasão de garimpeiros, atividade também proibida a não índios. A invasão de terras indígenas em busca das riquezas naturais do território vem aumentando. Segundo os dados do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), as ocorrências

de violência contra o patrimônio dos indígenas subiram de 11 casos registrados em 2003 para 84 casos em 2014: aumento de mais de 600%. Segundo o Cimi, violência contra o patrimônio são invasões de terras indígenas para exploração ilegal de recursos naturais, posse da terra e danos diversos. (BRESSANE; BARROS; BARCELOS, 2016, online)

Além das matrizes investigativa e interpretativa, outro aspecto importante da enunciação dos dados diz respeito à visualização. Nesse sentido, a dimensão comunicativa procura organizar o conjunto de informações no formato de gráficos, infográficos ou mapas. Na reportagem em análise, foram elaborados três infográficos que explicam a mineração em terras indígenas. Segundo Mancini e Vasconcellos (2016), a visualização permite que o conteúdo da reportagem seja aprimorado pela comunicação visual e “promova/incentive a compreensão analítica da reportagem de dados” (2016, p. 76).

Ademais dos caracteres investigativos, interpretativos e comunicativos, outro aspecto que deve ser levado em consideração é o narrativo. Bertocchi (2014) destaca que a narrativa no contexto específico do ciberjornalismo promove a junção de dados e metadados. Nesse sentido, o conceito de narrativa é reformulado. Passa-se de um modelo estático para uma perspectiva pós-moderna que apreende o texto como processo dinâmico.

(...) as narrativas pós-modernas são formas mais complexas e ganham formatos experimentais oriundos de inovações tecnológicas. Na transição da narrativa tradicional para a pós-clássica (...) a visão passa da “descoberta para a invenção”, da “coerência para a complexidade” e da “poética para a política” (BERTOCCHI, 2014, p. 6)

Nesse ambiente de dados e metadados, a figura do jornalista é percebida como um “designer de experiência” – porque se exige que ele tenha competência para assimilar os dados e seja capaz de modelar a narrativa em camadas, “tendo como objetivo uma experiência narrativa centrada nos usuários” (BERTOCCHI, 2014, p. 13).

Suzana Oliveira Barbosa e Vitor Torres (2013) citam Lev Manovich e Elias Machado para explicar que as narrativas jornalísticas se constituem cada vez mais como um espaço estruturado na forma de base de dados. Na reportagem “Em terra de índio, a mineração bate à porta”, a narrativa emerge como um sistema aberto e complexo em que os dados integram métodos de apuração, composição e edição de conteúdos. Percebe-se, portanto, que o JD orienta e apoia o processo de apuração, coleta e contextualização das narrativas.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo pós-industrial aponta para novos caminhos com redações mais enxutas, maior volume de informações e ruptura com os modelos tradicionais de negócio. Diante disso, é preciso encontrar alternativas para que o jornalismo não

perca suas funções sociais.

No presente trabalho, tomou-se a reportagem “Em terra de índio, a mineração bate à porta” para problematizar os conceitos de JD, buscando entender de que forma as técnicas jornalísticas podem auxiliar na apuração, análise e investigação. Percebe-se, desse modo, que o JD pode assumir uma narrativa que foge da lógica abissal, abrindo espaço para a complexificação do fato.

Nesse cenário, o jornalismo de *Pública* desempenha um papel importante na problematização do acontecimento e na articulação da notícia com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Insere, pois, efetivamente, a notícia como elemento de inteligibilidade do contexto social e de compreensão dos sujeitos que compõem a arena histórica.

A partir dos estudos sobre JD, apreende-se que a prática jornalística centrada na configuração social, econômica e política permite a enunciação de um discurso e de uma narração que problematize e complexifique as distintas realidades que compõem o contexto social. Dessa forma, o jornalismo contemporâneo, mesmo diante de tantas mudanças, pode ir além das simplificações, permitindo-se lançar um olhar heurístico sobre os fatos que compõem a realidade.

## REFERÊNCIAS

A PÚBLICA. **Especial Amazônia em disputa**. Disponível em: <<http://amazoniaemdisputa.apublica.org/reportagens>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

ANDERSON, Chris; BELL, Emil; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM**, nº 5, ano 2, São Paulo, abril/maio/junho 2013. P. 41-53. Disponível em: <[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)>. Acesso em 15 dez. 2016.

BARBOSA, Suzana Oliveira; TORRES, Vitor. **O paradigma ‘Jornalismo Digital em Base de Dados’**: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a13.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos**: o sistema narrativo no jornalismo digital. Disponível em: <[http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10\\_ESTUDOS\\_DE\\_JORNALISMO/bertocchi\\_daniela\\_compos2014\\_menor\\_2232.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT10_ESTUDOS_DE_JORNALISMO/bertocchi_daniela_compos2014_menor_2232.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2016.

BRADSHAW, P. **O que é Jornalismo de Dados**: manual de Jornalismo de Dados. Disponível em: <[http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao\\_0.html](http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_0.html)>. Acesso em: 15/05/2015 *apud* MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS; Fabio. **Jornalismo de Dados**: conceito e categorias. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2016.181.07/5300>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

BRESSANE; BARROS; BARCELOS. **Em terra de índio, a mineração bate à porta**. Disponível em: <<http://apublica.org/2016/06/em-terra-de-indio-a-mineracao-bate-a-porta-2/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

CODDINGTON, Mark. **Clarifying Journalism’s Quantitative Turn**. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976400>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

FONTCUBERTA, Mar de. El periódico en una sociedad compleja. In: BORRAT, Héctor; FONTCUBERTA, Mar de (Orgs). **Periódicos**: sistemas complejos, narradores em interacción. Buenos

Aires: La Crujía, 2006.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS; Fabio. **Jornalismo de Dados: conceito e categorias**. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2016.181.07/5300>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MORIN, Edgar. **Introducción al pensamiento complejo**. Barcelona: Gedisa, 1997.

OLIVEIRA, Fláscleandro Vieira de. **A licença Creative Commons e a comunicação científica: a questão dos periódicos eletrônicos de acesso aberto**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

TRÄSEL, Marcelo. **Jornalismo guiado por dados: relações da cultura hacker com a cultura jornalística**. Disponível em: <[http://www.academia.edu/3136931/JORNALISMO\\_GUIADO\\_POR\\_DADOS\\_rela%C3%A7%C3%B5es\\_da\\_cultura\\_hacker\\_com\\_a\\_cultura\\_jornal%C3%ADstica](http://www.academia.edu/3136931/JORNALISMO_GUIADO_POR_DADOS_rela%C3%A7%C3%B5es_da_cultura_hacker_com_a_cultura_jornal%C3%ADstica)>. Acesso em: 14 dez. 2016

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**MARCELO PEREIRA DA SILVA** - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018) Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em “Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional em Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. É organizador dos e-books: “A Influência da Comunicação”, “Comunicação, Mídias e Educação 2” e “Comunicação, Mídias e Educação 3” pela Editora Atena. E-mail: marcelosilva\_rp@hotmail.com

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agência de reportagem 24, 25  
Amazônia 24, 25, 29, 32  
Análise de conteúdo 41, 43, 52, 53, 54, 55, 59, 66, 71, 73, 74, 75, 77, 86, 110  
Análise qualitativa 53, 55, 59, 73  
Apresentadores 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109  
Apuração 16, 25, 28, 30, 31, 32, 41, 43, 45, 46, 47, 51, 52, 89, 90  
Audiência 10, 26, 44, 99, 101

### C

Centro de comunicação social 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40  
Cidadãos 7, 8, 16, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 68, 70, 71, 72, 73, 128, 134  
Circulação 1, 5, 6, 18, 25, 26, 28, 77  
Comunicação governamental 53, 54, 55, 56, 72, 73, 74  
Consumo 15, 104, 112, 113, 118, 122

### D

Direito à informação 13, 14, 19, 20, 21, 25  
Direito ao esquecimento 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23  
Direitos humanos 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 25, 80

### E

EAD 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97  
Ensino 3, 66, 76, 83, 90, 92, 93, 94, 97, 98  
Exército 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

### F

Fake News 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 12  
Felicidade 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74  
Fontes 15, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 58, 74, 90, 111, 116, 117, 123

### G

G1 6, 7, 8, 9, 89, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110  
Gestão 36, 40, 53, 56, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 124, 128, 129, 130, 137, 138  
Graduação presencial 91, 92, 96

### I

Instituição penitenciária 75, 76, 79

Internet 1, 2, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 34, 36, 74, 89, 90, 93, 94, 99, 101, 103, 110

## **J**

Jornalismo de dados 24, 26, 27, 32, 33, 111, 114, 115, 122, 123

## **L**

Live do facebook 88

## **M**

Mato Grosso 75, 76, 77, 79, 85

Meio social 1, 4

Mídia 6, 38, 39, 75, 77, 136

Mídias tradicionais 99

Ministério da felicidade 53, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 72, 73, 74

## **N**

Notícia 10, 11, 13, 17, 20, 28, 29, 32, 41, 44, 45, 46, 51, 52, 61, 77, 85, 89, 90, 95, 99, 101, 102, 103, 105, 108, 109, 110, 114, 118, 123

## **P**

Positividade 53, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73

Prisões 75, 80, 83, 84, 85, 86, 87

Provedores 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Pública 4, 10, 24, 25, 29, 32, 45, 51, 55, 73, 84, 86, 118, 126, 128, 137

## **R**

Realidade 27, 32, 75, 77, 80, 85, 86, 88, 91, 94, 96, 101, 112, 113, 115, 125, 128, 132

Redes Sociais 1, 6, 7, 10, 11, 12, 72, 77, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 97, 98, 129, 134, 135, 136, 139

## **T**

Tecnologias 1, 2, 6, 11, 27, 34, 40, 92, 93, 98, 101

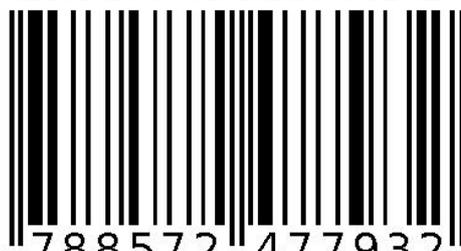
Telejornalismo 99, 100, 101, 110

TV 38, 47, 92, 95, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 133, 134, 139

## **W**

WebQDA 53, 54, 55, 59, 73

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-793-2



9 788572 477932